

ARTIGO

*Adolf Bastian*  
ANTROPOLOGIA  
E COLONIZAÇÃO

ELAINE CALÇA  
Universidade de São Paulo  
São Paulo | São Paulo | Brasil  
elaine.calca@unesp.br  
orcid.org/0000-0002-3899-2733

Nesse artigo discorreremos sobre as relações entre a antropologia e o processo colonial engajado pela Alemanha a partir de Bastian e de uma das associações científicas no século XIX: a *Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-História de Berlim*, BGAEU. Para isso, descreveremos as influências teóricas e as sociabilidades do campo antropológico alemão, a fim de entendermos em que a defesa da colonização científica se baseia.

*Colonização Alemã – Antropologia Alemã  
– Museu de Etnologia de Berlim*

ARTICLE

*Adolf Bastian*  
ANTHROPOLOGY  
AND COLONIZATION

ELAINE CALÇA  
Universidade de São Paulo  
São Paulo | São Paulo | Brasil  
elaine.calca@unesp.br  
orcid.org/0000-0002-3899-2733

In this article we will discuss the relations between anthropology and the colonial process engaged in by Germany, starting with Bastian and one of the scientific associations in the nineteenth century: the Berlin Society of Anthropology, Ethnology and Prehistory, BGAEU. To that end, we will describe the theoretical influences and the sociabilities of the German anthropological field in order to understand what the defence of scientific colonisation is based on.

*German Colonization – German Anthropology  
– Berlin Museum of Ethnology*

## INTRODUÇÃO

A Imprensa, nas regiões de língua alemã, era inconsistente antes da Primavera dos Povos, em 1848; muitos periódicos tinham vida curta, não passando do primeiro número, segundo o teórico da comunicação Rudolf Stöber (2005, 73). A Revolução de 1848 abriu espaço para que páginas satíricas e cheias de mau-humor, bem como para relatos de viagens ao além-mar serem publicados. Sob influência desta divulgação ocorreu, a partir desse período, também um aumento de associações científicas na Alemanha. Muitas dessas associações, chamadas a época de sociedades científicas, possuíam revistas e jornais próprios. Segundo Glenn Penny, o objetivo dessas associações era propagar, defender, construir, ou mesmo consolidar os estudos científicos. Essas associações fazem parte do movimento de institucionalização e formação das ciências no espectro europeu e norte-americano do final século XIX (Penny; Bunzl 2003). A BGAEU, *Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-História de Berlim*, por exemplo, era responsável pela *Zeitschrift für Ethnologie* – Revista de Etnologia<sup>1</sup>. Nesse artigo focaremos nossa atenção especialmente à essa Associação e sua respectiva revista, pois funcionava como correspondente nacional e internacional. Contribuindo para que em perspectiva transnacional, possamos visualizar como se dava a divulgação da etnologia alemã internacionalmente e, ao mesmo tempo, perceber como tanto Associação quanto Revista traziam a colonização. Partindo do conceito de ‘mentalidade colonial’ de Zantop (1997), perseguiremos como essas publicações puderam motivar das expedições científicas e como a colonização era ali representada. Mary Louise Pratt denuncia em seu livro *Os Olhos do Império* (Pratt 1999) que os relatos de viagem tornavam o novo como exótico. Nosso objetivo neste artigo parte de uma indagação sua: “Como os relatos de viagem e exploração produziram *o resto do mundo* para leitores europeus em momentos particulares da trajetória expansionista da Europa?” No nosso caso, a questão se volta para a produção do etnólogo Philipp Wilhelm Adolf Bastian; um dos fundadores tanto da Associação, doravante BGAEU, quanto da revista em 1869. Bastian, que viveu entre 1826 e 1905, é considerado o responsável pela institucionalização da antropologia na Alemanha, tornando-se uma figura central no cenário de viajantes e cientistas alemães. Em comemoração ao centenário de sua morte, 2005, ocorreu uma exposição da sua coleção no Museu de Etnologia em Berlin-Dahlem. O debate frutificou na publicação do livro “*Adolf Bastian and His Universal Archive of Humanity, The Origins of German Anthropology*” organizado por Manuela Fischer, Peter Bolz e Susan Kamel (2007). O título se referêcia a um conceito bastiano e sua crença de que tais arquivos poderiam representar uma história total da humanidade. O título também anuncia que, os autores concordam parcialmente com a concepção de Bastian de que seu acervo é um “arquivo universal da humanidade”; desconsiderando as relações que os textos de Bastian e suas práticas para ‘coletar’ tais objetos tiveram com o movimento colonial. Apontamos aqui para a problemática em se perpetuar um discurso universalizante, sem criticarmos o porquê e como o antropólogo citado

---

<sup>1</sup> A Revista de Etnologia passa a ser coordenada em conjunto com a Sociedade Alemã de Antropologia (Deutschen Gesellschaft für Völkerkunde – DGV), a partir da sua fundação em 1929 e os membros das duas sociedades recebem sua edição gratuitamente. Sua última edição é de 2016. Os editores são Prof. Dr. Peter Finke (Zürich) da DGV e o Prof. Dr. Lars-Christian Koch (SMB) da BGAEU. Informações retiradas do site: <https://www.dgska.de/zeitschrift-fuer-ethnologie/>. Acessado em 20/05/2018.

conseguiu mobilizar uma coleção de objetos “etnográficos” tão extensa ao criar diversas redes com outros expedicionários. Não negamos aqui a importância da coleção hoje e de sua preservação; no sentido de que é um material frutífero para as pesquisas; entretanto o debate sobre sua localidade e composição deve ser explorada. Bastian é lido como progressista; um ponto que acreditamos ofuscar o entendimento do autor em seu contexto. A complexidade do período colonial atravessa seus escritos e nos põe diante de uma figura complexa. Sendo assim, analisaremos como Bastian traz informações sobre a colonização e sobre a África justamente em seus escritos e em suas práticas.

## INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ANTROPOLOGIA ALEMÃ

Dentre os cientistas que, junto a Adolf Bastian, publicaram na revista, destacamos Franz Boas, Leo Frobenius, Rudolf Virchow e Hermann Baumann. O conteúdo da Revista é composto por relatos de viagem dos membros da BGAEU, por atas e resultados dos debates de suas reuniões até 1903. Ainda em tiragem, a revista é publicada e distribuída atualmente pela Editora Reimer.

Bastian é um personagem escolhido, pois participava ativamente de diversas instituições, podendo assim, expressar suas opiniões de forma individual, bem como falar *com e pelas* instituições, como demonstra a categoria histórica koselleckiana de experiência:

Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento que não estão mais ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia (Koselleck 2006, 309 – 310).

Nesse sentido, os trechos sobre as culturas africanas e o imperialismo encontrados nos escritos de Bastian demonstram como ele viu os africanos, a colonização, a ciência e as ações dos estados alemães; possibilita-nos, portanto, questionar as *reproduções*, ideias hegemônicas, de seu tempo histórico que contribuíram à manutenção dos espaços coloniais e à divulgação sobre a África.

Em seu artigo de 1882, “*Dois Palavras sobre Sabedoria Colonial para quem a mesma fracassou*”<sup>2</sup>, Bastian apresenta a colonização praticada pelos portugueses e espanhóis como ‘desumanizada’, sendo realizada de forma negativa e o segundo sua perspectiva, o autor se propõe a pensar a possibilidade da colonização alemã e o papel exclusivamente positivo que estas sociedades científicas institucionalizadas implicariam nos territórios além-mar. Seu objetivo é retirar das experiências passadas um ensinamento “ajuizado” da colonização. Após se perguntar: “Então, o que, racionalmente, será revelado como ensinamento aqui?”<sup>3</sup>, o autor faz um resgate histórico desde Grécia e Roma até a Era Moderna em seu texto. Tratando o processo histórico da colonização como “universal”, quer dizer, europeu, ele problematiza se a Alemanha deveria participar da busca por colônias. Sua percepção sobre os projetos coloniais das demais potências imperialistas deixa implícito para o leitor, então, que a Alemanha deva empreenda uma colonização científica. Apesar de no âmbito de sua escrita,

<sup>2</sup> BASTIAN, Adolf. Zwei Worte über Colonial-Weisheit von Jemandem, dem dieselbe versagt ist. Berlin: Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1882.

<sup>3</sup> „Was also, bei vernünftiger Betrachtung, wird sich hier als Lehre ergeben?“ (Bastian 1882, 5, tradução nossa)

Bastian posicionar-se contra as colonizações que haviam ocorrido “até então”, ao mesmo tempo legitima a colonização ao atribuir uma conotação positiva ao uso das associações e saberes científicos, antropológicos, no “além-mar”. Mas quais seriam as diferenciações na prática dos colonialismos “até então” e o “colonialismo cientista” alemão proposto por Bastian?

A escrita bastiana é cheia de denotações empíricas, que faziam parte de sua metodologia etnográfica (Penny 2003); informações que podemos considerar essenciais para a empreitada imperialista, como mostraremos mais adiante. Para isso partimos da questão: em que medida o modo de conhecer e de produzir conhecimento utilizado por Bastian foi capaz de contribuir e/ou potencializar a expansão colonial ‘desumanizada’ já em andamento? As críticas às *demais* colonizações europeias partem do campo de experiência bastiano e motivam que ele defenda um tipo específico de colonização em detrimento de outra: a colonização científica. Como aponta Koselleck:

A expectativa se realiza no hoje, é futuro e presente, voltado para o ainda-não, para o experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (Koselleck 2006, 310).

Na tentativa de apreender o campo de experiência bastiano, faremos apontamentos a respeito da tradição científica a qual ele se filia. Partiremos, portanto, de uma seleção de obras historiográficas da Antropologia Alemã, composta pelos autores Massin, Bunzl, Gingrich, Eriksen e Nielsen, e Kenny<sup>4</sup>. Estes nos auxiliam a entender o processo de institucionalização da antropologia enquanto ciência através de figuras importantes na história da antropologia alemã e que, a partir desse processo em que essa disciplina foi ganhando corpo, visualizamos traços racistas que dialogam com o discurso e a prática imperialista. Em geral, é consenso para os autores supracitados que a base da ciência antropológica parte do *Völkerkunde*, ou estudo dos povos e suas culturas – *folclore*, e tal ideia aparece nos textos de Bastian. O conceito de *Völkerkunde* tem uma história de longa duração e como qualquer conceito, a cada roupagem, a cada momento histórico, ganhou significados diversos. O conceito se encontra tanto em textos de filósofos como Immanuel Kant e Johann Gottfried Herder (Kenny 2013), quanto nos irmãos von Humboldt, Wilhelm e Alexander, e em Theodor Waitz<sup>5</sup>. Nessa perspectiva, comumente afirma-se que há uma diferença entre antropologia alemã em comparação com as antropologias francesa e inglesa, baseada nessa tradição do pensamento alemão do conceito de *Kultur*. Tal

<sup>4</sup> MASSIN, Benoit. *From Virchow to Fischer: Physical Anthropology and "Modern Race Theories" in Wilhelmine Germany*. e BUNZL, Matti. *Franz Boas and the Humboldtian Tradition*. IN STOCKING, Georg W. Jr. *Volkergeist as Method and Ethic - Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition*. Madison: University of Wisconsin Press, 1996; GINGRICH, Andre. *The German-Speaking Countries. Ruptures, Schools and Nontraditions: Reassessing the History of Sociocultural Anthropology in Germany*. IN *One Discipline, Four Ways: British, German, French and American Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press, 2005; ERIKSEN, Thomas H.; NIELSEN, Finn S. *História da Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 2007; KENNY, Anna. *The Aranda's Pepa - An introduction to Carl Strehlow's Masterpiece "Die Aranda und Loritja: Stämme in Zentral-Australien" (1907-1920)*. Canberra: Australian National University Press, 2013.

<sup>5</sup> No artigo *Franz Boas and the Humboldtian Tradition* (1996), Matti Bunzl traça cronologicamente alguns autores colocando as continuidades e descontinuidades dos pensadores que vieram após os irmãos Humboldt. (Bunzl 1996).

diferenciação da antropologia alemã e de sua *Kultur* tem uma conotação positiva, inclusive por afastar-se do darwinismo social no primeiro momento. Entretanto, segundo Norbert Elias (1997), há uma convergência dos movimentos filosóficos alemão e anglo-americano. Se baseando no poeta Schiller, Elias nos mostra que, nos séculos XVIII e XIX, a cultura era entendida enquanto processo; sendo essa concepção semelhante a *civilité* na França. Então como se dão essas diferenças?

Segundo Bunzl (1996), os cientistas Theodor Waitz e Adolf Bastian foram os primeiros a difundir as correntes humboldtianas de forma sistemática no estudo das humanidades como um todo<sup>6</sup>. Bunzl caracterizou tal movimento no pensamento alemão como crítico ao Iluminismo francês, o denominando de *Counter-Enlightenment* – Contra Iluminismo. Além da diferenciação teórica, o historiador Glenn Penny (2003), aponta para as diferenciações metodológicas dessas ciências: os antropólogos e etnólogos alemães se baseavam em um método indutivo, enquanto os americanos, em um dedutivo. Para o pesquisador, a tradição anglo-americana seria nitidamente evolucionista, ao passo que os alemães tiveram uma tendência ao historicismo. De toda forma, ambos os conceitos se aproximam e se diferenciam a depender dos fatores e, o ponto em comum, é sua referência ao desenvolvimento da humanidade ou das sociedades, de um estágio menos para um mais avançado.

No campo antropológico no qual Bastian estava inserido houve um período de negação do darwinismo em si: passou a ser paulatinamente criticado e considerado um absurdo nas publicações, pois para Bastian e outros antropólogos alemães da BGAEU, a natureza era atemporal e, portanto, as raças humanas eram imutáveis, precisando ser identificadas e preservadas (Zimmerman 2001). A visão que, enquanto cientistas, podiam identificar as raças humanas e as ‘preservar’, também nos parece criar uma relação de ‘nós’, *Kulturvolk*, e eles, outros, *Naturvolk*, que detêm em si uma noção de diferença, estranhamento, superioridade. Preservar em qual sentido? Se quando falavam dos povos *Nama*, *Herero*, *Orlams* e *Damaras* (Alnaes 1989), desconsideravam sua produção cultural histórica e oralidade?

Essa desconsideração é propriamente conflituosa, já que dentro da historiografia da Antropologia, os termos que são valorizados são justamente os que valorizam a ‘cultura’, como *Völkerkunde*. Termos presentes antes mesmo da institucionalização da antropologia como disciplina, presentes em textos literários, filosóficos e históricos produzidas por autores de língua alemã. Não queremos aqui de modo algum diminuir a contribuição do pensamento alemão; ou reduzi-lo a mera disputa de um local de poder. Boas continua tendo toda sua validação teórica (Bunzl 1996); assim como as críticas de Herder (Köpping 1995) ao Iluminismo Francês têm extrema importância. A questão é entender quando, como e porque essa tradição do pensamento começou a se transformar, foi sendo apropriada, e usada a partir de 1884 para legitimar interesses tanto na unificação da Alemanha quanto na colonização – isso porque também pode-se entender a unificação como uma colonização “interna”, a própria fundação do estado-nação.

Essa transformação da tradição do pensamento alemão de cultura e sua oposição aos pensamentos inglês e francês geraram uma absorção e mescla das duas correntes pelos cientistas da BGEAU, a partir do próprio Bastian. Como demonstra Klaus Peter Köpping, do Instituto de Etnologia da Universidade de

---

<sup>6</sup> Theodor Waitz and Bastian were the first to merge these two Humboldtian currents systematically, thereby establishing a historicist a Counter-Enlightenment viewpoint in the study of humanity as a whole. (Bunzl 1996, 43).

Heidelberg: o “objetivo [de Bastian era] colocar em prática ideias de Alexander von Humboldt e Herder, e sua igual paixão visava unir ali o Iluminismo e o Romantismo (paralelamente a alguns cientistas naturais como Fechner), deu-lhe um lugar seguro no rol dos criadores de nossa disciplina”<sup>7</sup>. Por meio de suas contribuições podemos concluir que a Antropologia não foi fruto somente da Tradição do Pensamento Alemão, embora tenha sido por ela amplamente influenciada; mas também fora influenciada pelo iluminismo francês e pela antropologia inglesa.

Köpping escreveu um artigo comparando o pensamento de Bastian ao estruturalismo de Lévi-Strauss (Köpping 2007), com o intuito de mensurar o quanto o pensamento e o método bastiano contribuíram para a antropologia moderna. Assim, podemos identificar que a percepção do antropólogo alemão sobre um sistema estrutural vem acompanhada de uma noção da existência de uma estrutura universal essencial, a partir da qual todas as sociedades funcionariam.

Bastian possui um pensamento sofisticado, citando a todo momento trechos em grego e latim, bem como localidades de todo o globo, no esforço de encaixar as sociedades tribais em suas categorias. Tal ato nos parece tentar legitimar sua própria teoria do “pensamento elementar”, *Elementargedanken*. Teoria que, para o autor, seria a existência de uma estrutura psíquica básica presente em todos os seres humanos – ideia também próxima e precedente do conceito de inconsciente coletivo do psicanalista Carl Gustav Jung (2000). Não somente conceitos, *Elementar-* e *Völkergedanken* são ferramentas da análise bastiana. Outro conceito muito próximo do estruturalismo “essencialista”, *Gedankenstatistik*, *pensamento estatístico*, mostra um projeto ambicioso do etnólogo em encontrar leis que governam o desenvolvimento mental da humanidade, independentemente das variáveis temporais e espaciais.

Devido a essas datações e acontecimentos, seria anacrônico analisar ou ainda denominar Bastian como um racista positivista, mesmo que estes termos sejam utilizados pelos estudo brasileiros ou pelos estudos no Brasil para denotarem personagens históricos ligados a colonização; essa conceituação de racista positivista para as décadas de 1870 e 1880 se referem aos antropólogos ligados principalmente aos outros movimentos coloniais inglês, francês e italiano. Se o positivismo não estava em voga na Alemanha, como ainda assim a antropologia pôde servir e se beneficiar com o argumento colonial?

A questão talvez seja reconhecer que há uma interpretação positiva da antropologia alemã como culturalista que precisa ser problematizada; pois impede que identifiquemos possíveis ligações da escola antropológica alemã com o colonialismo e com o racismo.

A literatura sobre história da antropologia reconhece que o iluminismo francês e o alemão se distinguem. Entretanto, olhando algumas décadas adiante para o fenômeno denominado imperialismo, percebemos que estes dois pensamentos contribuíram, de modos diferentes, para a legitimação do nacionalismo e a ideia de expressão máxima de sua soberania através da colonização. Parece que ao associar a antropologia alemã como mais culturalista e diversa da franco-anglo-americana denota-se uma escolha política. Tal concepção positiva tem implicações decisivas, principalmente após as guerras

---

<sup>7</sup> “Yet his passionate enthusiasm to put the ideas of Alexander von Humboldt and Herder into practice, and his equally passionate aim to unite thereby Enlightenment and Romanticism (paralleled by some natural scientists such as Fechner), gives him a secure place among the coterie of crucial creators of our discipline”. (Köpping 1995, 88).

mundiais, são interpretações fruto do trato da ciência enquanto neutra, fora, ou ainda descolada das intervenções do mundo social. Um fato que contribuiu para essa concepção foi o darwinismo<sup>8</sup> ter sido adotado pela antropologia física na Alemanha depois de 1890. A incorporação de elementos iluministas e o surgimento dos primeiros movimentos eugênicos de influência inglesa na Alemanha tem sua maior expressão na fundação da Sociedade Gobineau em 1894. O principal expoente desta sociedade e seu idealizador foi Ludwig Schemann, que publicou e divulgou informações sobre a “teoria de raça” evolutiva na Alemanha<sup>9</sup>.

Em consonância com a obra de Bourdieu (2004), a sociabilidade de uma figura como Bastian se torna importante e essencial para a compreensão da realidade histórica desse período; já que percebemos a existência de uma disputa de poder político entre a ciência alemã e a britânica, bem como da antropologia física de origens francesa e italiana<sup>10</sup>, para a compreensão das particularidades das colonizações.

Podemos ter uma noção da circulação das obras de Bastian pelas referências e citações ao autor até sua morte, em 1905. Neste momento, defrontamo-nos com outra questão: os textos científicos teriam influenciado o imaginário popular? Ou ainda, poderíamos verificar a presença do imaginário popular nos textos científicos?

Não só Bastian, mas também outros antropólogos, como Friedrich Ratzel, Rudolf Virchow ou Heinrich Schurtz, pertencentes a esse período de transição, podem auxiliar na compreensão dos argumentos imperialistas entre as décadas de 1880 e 1890. Segundo Andre Gingrich, a geração seguinte a Adolf Bastian e Rudolf Virchow já teria se distanciado completamente dessa tradição culturalista. Virchow já continha diversos elementos do que hoje, entende-se por antropologia física. Gingrich apresenta outros dois nomes, Fritz Gräbner e Bernhard Ankermann, como expoentes dessa nova geração de antropólogos que, em 1904, teriam feito palestras populares demonstrando essa quebra com o pensamento bastiano<sup>11</sup>, dando origem a uma nova fase da antropologia alemã, já que usam dos estudos folclóricos – ou dos povos – para estabelecer um estudo historicista de um “eu superior” e germânico<sup>12</sup>. Por esse motivo, Gingrich denomina esses dois jovens antropólogos alemães de positivistas moderados<sup>13</sup>. Outros “sucessores” positivistas moderados de Adolf Bastian, dentre eles Felix von Luschan, agora entendiam os ‘povos naturais’, *Naturvölker*, como povos condenados à extinção ou ao isolamento, já que tinham uma aproximação à

---

<sup>8</sup> Existe uma tendência na historiografia em associar as origens do nacional socialismo ao biólogo prussiano Ernst Haeckel (1834 -1919), que popularizou as obras de Charles Darwin ao traduzi-las para o alemão.

<sup>9</sup> Mais tarde, em 1928, Ludwig Schemann se torna padrinho da Sociedade de Cultura Alemã dos Socialnacionalistas – Nationalsozialistische Gesellschaft für Deutsche Kultur.

<sup>10</sup> Bourdieu (2004) demonstra que as diferenciações entre correntes filosóficas e científicas pertencem a campos de poder diferentes, nos quais estão inseridos agentes e as instituições que as produzem.

<sup>11</sup> In November 1904, trained historian and Polynesia curator at the Berlin Museum, Fritz Graebner, and the museum’s Africa curator, Bernhard Ankermann, presented two famous lectures in which they called for a definite break with Bastian’s school of thought. (Gingrich 2005, 92).

<sup>12</sup> Folklore studies were about to become established as the historicist study of a superior, Germanic self, set apart from the study of the Herderian *Naturvölker*. (Gingrich 2005, 92), tradução nossa.

<sup>13</sup> Bastian’s younger German associates whom I call moderate positivists. (Gingrich 2005, 89).



civilização “falsa” (Zimmerman 2015, 194). As proximidades com o positivismo nos dão consistência as contradições que encontramos no autor; afinal, como pontuamos anteriormente seu texto apresenta contradições que podem ser interpretadas diferentemente.

Apesar do pensamento bastiano em sua totalidade não ser nosso objeto de estudo<sup>14</sup>, o vemos como uma síntese dialética desse momento; unificação do Estado alemão e as rivalidades – tanto no campo intelectual, como também político; vide a Guerra Franco Prussiana.

Como síntese também do pensamento alemão e francês<sup>15</sup>, o texto *Termos Gerais de Etnologia*, de 1875 de Bastian, posterior ao primeiro citado, vemos outra defesa à colonização científica. Como Bastian sabia do amadorismo dos agentes coloniais, expedicionários missionários, entre outros viajantes, se propôs a escrita de um texto que trouxesse pressupostos da etnologia, contribuindo cientificamente para as experiências de seus leitores nos “territórios desconhecidos da África, Ásia e das Américas”. Este texto de Bastian foi publicado dentro do manual de sobrevivência e instruções para observar a natureza – *Guia para Observações Científicas durante Viagens*<sup>16</sup>, publicado e coordenado pelo hidrógrafo Dr. Georg Neymayer, em 1875. O Guia conta com artigos de 28 acadêmicos, incluindo o patologista Rudolf Virchow e o próprio Bastian. O material conta com ilustrações de tubos de ensaio, balões volumétricos decantando soluções, entre outros instrumentos. O prefácio, escrito por Neymayer, oferece-nos a seguinte informação:

Quando em março do ano passado uma quantidade de cientistas se reuniu em Berlim, a fim de discutir como seria possível uma publicação contribuir com um guia simples, cuja função deveria conceder a um número grande de viajantes e membros da nação alemã, que vivem em terras distantes, o trabalho científico das diferentes áreas das ciências naturais; e deste modo conferiram-se as dificuldades que resolver esta tarefa apresentava (Neymayer 1875, 5, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Quaisquer cientistas ou intelectuais são também frutos de seu tempo histórico; estão em relação dialética com outros homens e com o local onde vive. Dizemos isso, pois analisando o manual como um todo, vemos que o pressuposto científico do autor para a colonização não foi uma criação isolada. O Guia tem a intenção de informar os cidadãos alemães no exterior –

<sup>14</sup> Entender o romantismo alemão em panorama, que não dissertamos aqui, foi um passo de nossa pesquisa para entendermos o pensamento deste etnólogo alemão dentro de seu contexto histórico, e a mudança de postura dos antropólogos alemães em relação à essa tradição filosófica, que permitiu a ascensão do colonialismo. A ruptura com o pensamento anterior pôde ter ocorrido por esta não ser um pensamento que fosse útil ao Imperialismo, precisando assim, criar outras bases ideológicas.

<sup>15</sup> Köpping também afirma que Bastian teve influência tanto do iluminismo quanto do romantismo alemão (Köpping 1995)

<sup>16</sup> Anleitungen zu wissenschaftlicher Beobachtung auf Reisen. Acessado em <https://ia800604.us.archive.org/9/items/anleitungzuwisse00neum/anleitungzuwisse00neum.pdf> em 09/01/2017.

<sup>17</sup> Als im März verflossenen Jahres eine Anzahl wissenschaftlicher Männer in Berlin zusammentrat, um zu berathen, wie die Herausgabe eines Wekes ermöglicht würde, dessen Bestimmung es sein sollte, den zahlreichen Reisenden und in fernen Ländern lebenden Angehörigen deutscher Nation eine einfacherere Anleitung zur Betheiligung an wissenschaftlichen Arbeiten auf den verschiedenen Gebieten der Naturforschung zu ertheilen, verliehlte man sich jeineswegs, dass die Lösung dieser Aufgabe grosse Schwierigkeiten darbiete. (Neymayer 1875, 5).

*Auslandsdeutsche* – sobre o trabalho científico nas áreas de ciências naturais, o que também demonstra a tentativa de, ao instruir seus leitores, tornar o processo colonizador mais científico, o que, na opinião de Bastian, conseqüentemente, o tornaria melhor.

Também estava explícito que não só para o coordenador do Guia, Neymayer, mas para os outros cientistas que compunham tal coletânea, que a ciência natural era uma ciência base e que dela advinham os métodos científicos para as demais ciências que se fundaram nesse período. Para Bastian a etnologia era o método empírico da Antropologia e, que baseado nas ciências naturais, contribuía para um projeto psicológico-filosófico.

De modo geral, o Guia tem uma série de semelhanças com as enciclopédias iluministas; que “produziam” saberes sobre aspectos físicos dos lugares da terra, aspectos econômicos, políticos e culturais dos povos; formaram e informaram uma determinada parcela da população europeia. Podemos dizer que há distinção entre os textos científicos e o imaginário da população em geral sobre a África. Anteriores ao Imperialismo, não são os artigos científicos isolados, mas o conjunto de discursos que reverberam no imaginário popular. As ações dos dirigentes das nações utilizavam da imprensa e das narrativas fantásticas para se legitimar. Vemos o uso da ciência e da ficção como legitimador de ações da realidade histórica concreta. No final do século XIX, tais discursos são usados também para legitimar o financiamento a determinados tipos de pesquisa científica ligadas ao racismo científico, a frenologia e a antropometria; hoje considerados pseudociência.

O artigo de Bastian presente no *Termos Gerais de Etnologia* pretende instruir homens; e publicá-lo nesse *Guia* é uma forma de divulgar seu argumento de colonização científica. O texto traz-nos a noção de produção do conhecimento etnológico focando-se no homem enquanto indivíduo e, posteriormente, enquanto ser social (*Gesellschaftswesen*<sup>18</sup>), sendo essa separação entre individual e social coincidente com o que entendemos hoje por físico e psíquico, respectivamente. Assim, afirma:

[...] tudo o que pertence à entidade psíquica pressupõe, enquanto estado primitivo, que a sociabilidade na qual o indivíduo se insere é determinada, enquanto em termos físicos, o indivíduo, como objeto de investigação, se torna pouco modificável pelas condições sociais [...] (Neymayer 1875, 516, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Ao dizer que o sujeito se torna “menos modificável” pelo social, a noção de social de Bastian trata dos aspectos e fenômenos físicos. Os antropólogos alemães trabalhavam com um sistema que descrevia um tipo de natureza (Zimmerman 2001, 66 e 67). Assim, as diferenças físicas e mentais que existiriam entre os humanos poderiam ser explicadas como resultado de diferenças climáticas e geográficas. Tal argumento vai ao encontro do defendido pelo racismo científico, por exemplo, de que os povos no sul eram “preguiçosos” por conta do sol e da fertilidade da terra; tais argumentos foram usado pelo empreendimento colonial.

Bastian elenca em seu texto, 18 pontos que interferem no ‘ser social’, sendo estes: características físicas do ambiente, como a temperatura média do local, a temperatura máxima no ano e os fatores que a influenciam, como a

<sup>18</sup> Mesmo termo utilizado por Weber, entretanto, este alterou seu sentido para o que é hoje conhecido comumente.

<sup>19</sup> BASTIAN, Adolf. *Allgemeine Begriffe der Ethnologie*. (Neymayer 1875, 516).

agricultura cultivada, a hidrografia local, a flora e a fauna etc. O autor discorre sobre cada um dos pontos separadamente.

Também é curioso que, em 1875, se tinha completado 5 anos das viagens de Bastian pelo mundo, das quais algumas foram para partes da África e, contudo, ele não conheceu o continente como um todo; mesmo assim pode postular “princípios” que os outros etnólogos e amadores deveriam seguir para estudar “os povos”.

Em outro trecho, Bastian discorre sobre a África enquanto “continente historicamente morto”. Aqui reconhecemos uma influência de Ranke e sua ideia de “imobilidade eterna”. Cabe aqui também trazermos um exemplo do que o etnólogo diz sobre os africanos em outro artigo, “Sobre a Etnologia antiga” – *Zur alten Ethnologie*, publicado na primeira edição da Revista de Etnologia, em 1869. Bastian afirma:

Apesar da grande massa da África apresentar um continente morto em um sentido histórico, devido tanto a falta de países fronteíros quanto a maioria dos rios, que não deixam existir navegação decente entre eles, por existirem muitas cataratas perigosas – os impérios egípcios e do norte africano estão estreitamente interligados com a Ásia e sempre foram incorporados nos movimentos históricos deste continente<sup>20</sup>. (Bastian 1869, 5 - tradução nossa).

Bastian reproduz uma concepção de história que coloca os não europeus como “povos sem história”<sup>21</sup>. Tal concepção da história enquanto progresso se encontra presente na historiografia alemã, inclusive em Hegel, e não é uma exclusividade de Bastian. A crença de que os povos não participariam da mesma forma para a construção do *Geist*, espírito humano/essência humana, é perigosa, pois pressupõe que dentre os “homens” (*Menschen*) há aqueles que são portadores de um grau de desenvolvimento do espírito maior na construção da História Universal e, portanto, há um povo dominado/subdesenvolvido que precisam se desenvolver e devem ser auxiliados pelo primeiro. Esta argumentação de que há a separação dos povos em *Naturvölker* e *Kulturvölker*, utilizada por Bastian, foi construída e utilizada por outros autores que identificamos como membros dessa tradição “culturalista” e como aponta Thompson (2014, 264), a ideia de *Geist* em relação aos povos, mostra uma mentalidade ou representação coletiva romantizada.

As fundamentações gerais da etnologia de Bastian nos traz a noção de que para a produção de conhecimento etnológico, deve-se pensar no homem enquanto indivíduo e, posteriormente, enquanto *ser social* (*Gesellschaftswesen*). Entretanto, como podemos ver abaixo, o que Bastian nos aponta fatores que interferem no ‘ser social’ se diferem de nossa compreensão contemporânea:

<sup>20</sup> Original: „Obwohl die Hauptmasse Afrika’s eine geschichtlich todtten Continent bildet, da sie sowohl der gegenüberliegenden Küstenländer entbehrt, als auch auf den meisten Flüssen durch gefährliche katarakten der Binnenschiffahrt beraubt ist, so hängen doch die ägyptischen und nordafrikanischen Reiche eng mit Asien zusammen und sind beständig in die Geschichtsbewegungen dieses Erdtheils mit hineingezogen worden.“

<sup>21</sup> A historiografia atual, seguindo Elikia M. Bokolo, em *África Negra: História e Civilizações*, identifica e reforça a existência de um grande trânsito cultural, econômico e social entre as diversas etnias em África e extra África (o que também podemos encontrar no livro *Black Athena* de Martin Bernal), desconstruindo o imaginário eurocêntrico e hegemônico dos egípcios como os únicos com “acesso” e relação com povos de outros continentes, relação esta circunscrita apenas durante a Antiguidade.

1) A temperatura média do local; 2) As temperaturas extremas das estações; 3) As modificações de temperatura após a pesquisa; 4) Influências locais na temperatura; 5) mudança de estação e divisão das mesmas; 6) Os graus de umidade; 7) Direções do Vento; 8) Taxa de eletricidade do ar; 9) Perturbações irregulares dos processos meteorológicos e desastres naturais; 10) Localização marítima ou continental do país. 11) Alterações no nível [água]; 12) Formato do solo; 13) Hidrografia e orografia; 14) geologia e riqueza de metais; 15) Flora, com atenção especial ao uso das plantas e os ornamentos [delas derivados]; 16) Fauna e os animais fornecidos pela mesma para fins de caça ou domésticos; 17) Análise agrícola do solo; 18) O armazenamento do país por comprimento e largura. (Neumayer 1875, 517)<sup>22</sup>.

São características físicas que demandam técnica científica para sua medição. Na medida em que a cientificização dos dados e informações sobre os espaços não europeus aumentam com a institucionalização das disciplinas, tais dados contribuíam nas práticas coloniais. Apesar de não ter analisado especificamente a transição da antropologia alemã, mas percebendo o fenômeno do racismo cultural, Franz Fanon afirma que:

Em primeiro lugar, afirma-se a existência de grupos humanos sem cultura; depois, a existência de culturas hierarquizadas; por fim, a noção da relatividade cultural. Da negação global passa-se ao reconhecimento singular e específico. É, precisamente, esta história esquartejada e sangrenta que nos falta esboçar ao nível da antropologia cultural. (Fanon 1980, 35).

Nesse sentido, então, o pensamento científico antropológico auxiliou na construção do racismo estrutural, na medida em que auxiliou na divisão racial do trabalho. A divisão do trabalho foi delimitada entre os homens negros, trabalhadores, na colônia e os cientistas na metrópole<sup>23</sup>. Já que só os que vinham/estavam na metrópole que tinham permissão para serem cientistas, que se originavam de classes sociais específicas: burguesia e aristocracia. Nossa premissa nesse artigo caminha para mostrar que o conhecimento, quando aplicado às colônias, materializa-se enquanto uma estrutura de poder.

---

<sup>22</sup> 1) Die mittlere Temperatur des Ortes; 2) Die extremen Temperaturen der Jahreszeiten; 3) Die Modifikationen der Temperatur nach der Erhebung; 4) Lokale Beeinflussungen der Temperatur; 5) Wechsel der Jahreszeiten und Eintheilung derselben; 6) Feuchtigkeitsgrade; 7) Windrichtungen; 8) Elektrizitätsverhältnisse der Luft; 9) Unregelmässige Störungen der meteorologischen Prozesse und Naturkatastrophen; 10) Maritime oder continentale Lage des Landes. 11) Die Niveaurverhältnisse; 12) Bodengestaltung; 13) Hydrographie und Orographie; 14) Geologie und Metallreichthum; 15) Flora, mit besonderer Berücksichtigung der Nutz- und Schmuckpflanzen; 16) Fauna, und die von derselben gelieferten Jagd- oder hausthiere; 17) Agricole Bodenkunde; 18) Die Lagerung des Landes nach Länge und breite. BASTIAN, Adolf. *Allgemeine Begriffe der Ethnologie*. In: Neumayer 1875, 517.

<sup>23</sup> „Damit war eine Arbeitsteilung zwischen men on the spot in den Kolonien und Wissenschaftlern in der kolonialen Metropole Berlin möglich. Dies wurde auch auf institutioneller Ebene durch den Bundesratsbeschluss von 1889 festgeschrieben. Demnach erhielt das Berliner Museum für Völkerkunde den Status einer zentralen Sammelstelle für die aus den Kolonien eingehenden »ethnografischen Sammlungen«, die sich die Teilnehmer auf staatlich finanzierten »Expeditionen« aneigneten“. FÖRSTER, LARISSA; EDENHEISER, IRIS; FRÜNDT, SARAH; HARTMANN, HEIKE. *Provenienzforschung zu ethnografischen Sammlungen der Kolonialzeit - Positionen in der aktuellen Debatte*. München: Elektronische Publikation zur Tagung Museum Fünf Kontinente, 2017.

## A COLONIZAÇÃO A PARTIR DO OLHAR DE BASTIAN

O objetivo de Bastian em “*Dois Palavras sobre Sabedoria Colonial para quem a mesma fracassou*”, traz a ideia de construir um solo alemão em África. O autor reconhece a repetição que os colonizadores tentavam fazer baseados no modelo de sua pátria – *ein Bild des Vaterlandes wiederholen*:

Seu caráter específico consiste que, os colonos europeus, que, por razões de superpopulação ou outras causas deixam sua antiga pátria, para escolher uma nova, onde repetem uma imagem de sua pátria sob as mesmas condições de vida, adquirindo seu pão com as próprias mãos.  
(Bastian 1882, 10).

A ilusão de que o estado colonial seguiria o modelo estatal europeu aparece em Bastian, como vemos no trecho acima. A afirmação parece considerar que um império se constituiu nas colônias realmente à imagem e semelhança da pátria; o que sabemos que não ocorreu: as estruturas europeias não puderam ser simplesmente transpassadas e copiadas para as colônias por uma série de problemáticas e, principalmente, por conta da resistência dos povos nesses territórios. Podemos ver que em Bastian há momentos em que ele reforça argumentos da colonização, e em outros uma crítica. O que torna o autor ainda mais interessante do ponto de vista historiográfico é que estudos frutíferos também podem partir de textos contraditórios de indivíduos que criticam a colonização. Como veremos a seguir:

O comerciante alemão já se juntou aos do mais alto escalão e, no caso da proteção oferecida pela marinha alemã, a esse respeito cabe o julgamento de especialistas até que ponto as instalações marinhas poderiam ser consideradas necessárias em mares distantes. (Bastian 1882, 8).

O questionamento da necessidade da expansão da marinha alemã por Bastian, em 1882, demonstra a forte relação desta instituição com o colonialismo, mesmo antes de sua oficialização, em 1885, bem como a autonomia e o poder desta perante o Estado. Ao apresentar um olhar crítico, aponta que a emigração de alemães para as Américas Central e do Sul foi incentivada pela promessa de que este território seria “um império igual a Yucatán”, no atual México (Bastian 1882, 11). Ou seja, a percepção de Bastian é que os alemães teriam sido atraídos para a colonização sob uma retórica. Segundo Petscheli, o que seria diferencial em Bastian em relação a outros alemães que empreendiam viagens, como Peters, Lüderitz ou Fabri, é que o antropólogo admitiu que a civilização europeia estava provocando um efeito prejudicial sobre as sociedades africanas e americanas, principalmente do ponto de vista das transformações culturais.

Os antropólogos alemães estudavam os povos naturais na pretensão de revelar uma natureza humana, pura, sem as interferências que a cultura ocidental ou o desenvolvimento histórico trouxeram aos homens, o que pode ser notado também em Felix von Luschan, sucessor de Bastian (Zimmerman 2001). Para esses estudos, os antropólogos valorizavam os objetos etnográficos do cotidiano dos povos não e seus próprios corpos, através das exposições. Segundo Stelzig (2004), tais objetos expostos no museu, seriam vistos pelos antropólogos e membros da Sociedade de Antropologia (BGAEU) como provas da existência dos povos naturais. Isto é, a colonização que havia sido praticada até então teria, em certa medida, perturbado a essência natural que essas etnias “isoladas”

supostamente continham<sup>24</sup>. Para Bastian, as colônias causavam um “dano social” em nome da melhoria dos interesses nacionais e da expansão do comércio nacional para o mercado internacional<sup>25</sup> e por isso, seu objetivo era “salvaguardar” os objetos etnográficos desses povos no museu, para que pudessem ser estudados.

E para obter esses objetos seria necessária uma colonização científica; a salvaguarda, nomeada de Etnografia de Salvação, já era uma prática colonial que ocorria em forma de uma rede de cientistas e expedicionários, membros da BGEAU. Foi possível concretizar tal rede de aquisição de objetos etnográficos no século XIX através da aceleração das viagens e da comunicação. Bastian vê tal rede como positiva e como alternativa à colonização portuguesa, inglesa e espanhola, sendo as relações pré-coloniais estabelecidas pelos cientistas alemães uma forma “honrosa” de seu fazer científico, voltado para o real entendimento das sociedades extra europeias.

Ressaltando o papel da Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial – conhecida como Sociedade Africana<sup>26</sup> –, em seu artigo, Bastian cita outros cientistas “honrosos” como Barth ou Schweinfurt. Afirma que “um verdadeiro viajante deve nascer como o poeta” (Bastian 1882, 19)<sup>27</sup>, assim o autor não apenas tenta defender a *neutralidade* de sua *ciência*, como exalta a figura do cientista.

Nosso objetivo aqui é demonstrar a relação de dualidade e interdependência que existiu entre antropologia e o colonialismo, pois a partir de Bastian nos é mostrado que as produções científicas e as interações dos cientistas com sua realidade não podem ser analisadas separadamente. As ciências conectaram muitos outros cientistas e intelectuais ao mundo não europeu e, conseqüentemente, à colonização. Não existindo, portanto, enquanto fenômeno uma separação da colonização latina e britânica com a alemã. A ciência, aqui no plural, ou seja, geografia, história, antropologia, etc, acabou sendo utilizada por todos esses impérios justamente para potencializar suas práticas de poder.

Através de seus estudos antropológicos e no endosso que faz à ciência, bem como suas atividades profissionais e políticas como membro de sociedades científicas, a exemplo da Sociedade de Geografia Alemã<sup>28</sup>, a BGAEU e a Sociedade Alemã para a Investigação da África Equatorial, Bastian esteve ligado ao imperialismo alemão. Demonstrando que sua crítica aos imperialismos alheios seria insuficiente e limitada para mudar sua atuação para uma colonização especificamente científica.

Um exemplo disso é a Sociedade Africana. Ela foi criada em 1872, quando Bastian foi reeleito presidente da Sociedade de Geografia e deslocou seus interesses para a África. Ele então convidou associações regionais para contribuir com um fundo para a constituição da Sociedade Alemã para a

<sup>24</sup> Tal essência pode ser rebatida com a já citada obra de Martin Bernal (2008), na qual o autor traça as diversas formas de diálogo que havia entre os povos na África Antiga, tornando assim questionável a ideia de isolamento e, portanto, de essência humana natural.

<sup>25</sup> Von vornherein sind zwei Gesichtspunkte scharf voneinander getrennt zu halten: der eine, der sich auf Ausdehnung des nationalen Handels richtet, im internationalen Verkehr, und ein anderer, der soziale Schäden der Gegenwart ins Auge fassend, für den eintretenden Überschuss der Bevölkerung derartige Verwendung wünscht, wie sie nationalem Interesse am besten zu Gute kommen möchte (Bastian 1882, 13).

<sup>26</sup> *Afrikanische Gesellschaft*.

<sup>27</sup> Ein ächter Reisender muss geboren sein wie der Dichter. (Bastian 1882, 19).

<sup>28</sup> Gesellschaft für Erdkund zu Berlin foi fundada em 1828 por Carl Ritter.

Investigação da África Equatorial. A partir desta instituição buscou organizar uma expedição para visitar a costa do Loango e encontrar uma rota mais prática e realizável adentrando o continente (Köpping 2005, 13).

Contraopondo Köpping, Martín afirma que Bastian não teria tido um plano para a rota que empregaria na expedição (San Martín 2007). Segundo ele, Bastian teve a ideia de penetrar no interior da África a partir da costa ocidental, diante do desaparecimento de David Livingstone em sua expedição ao Lago Tanganika. O desaparecimento do explorador gerou um cenário de meses de espera na Europa propagado pela imprensa. Além disso, até então não se sabia de alemães que teriam ido da costa angolana até o centro. Os mitos sobre o interior africano deram a Bastian uma forma de legitimar a necessidade de se enviarem alemães ao interior da África (San Martín 2007).

As anotações de Bastian sobre esta viagem resultaram na publicação de *Die Deutsche Expedition an der Loango Küste – A Expedição Alemã a costa de Loango* (1875). O relato destaca o território entre os atuais Gabão, Congo e Angola. Partindo da perspectiva das expedições como essenciais para o processo imperialista, este relato ajuda-nos a estabelecer quais relações havia entre esse empreendimento e a BGAEU, o Museu de Etnologia e Bastian. Tal expedição se tornou interessante para entendermos as práticas coloniais de domínio antes das expedições oficiais. O fato de a Expedição à costa de Loango ter sido considerada um fracasso, uma vez que era feita sem planejamento ou conhecimento da região e dos povos, também tem relação com os altos tributos que as tribos cobravam para garantir a segurança durante a passagem das caravanas na região (San Martín 2007, 253). Embora não tenha conseguido o intento, durante a expedição foram adquiridos muitos objetos para o Museu de Etnologia de Berlim. Segundo Stelzig, em tabela anexada em seu trabalho, vemos a quantidade de objetos advindos da África; e, no período que nos focamos, entre 1880 e 1890, podemos somar 12.738 objetos (Stelzig 2004). A expedição recebeu nesse período diversas críticas, publicadas no jornal *Petermanns Geographische Mittheilung*, advindas de discípulos, colegas e acadêmicos como *fracassada*, bem como o livro que Bastian produziu sobre a viagem, pelo escasso em fontes e notas explicativas.

Cabe aqui descrever que este é um livro documental, possui cinco capítulos, prefácio e 382 páginas com anexo, em alemão *Kurrentschrift*. Os 1º e 2º capítulos falam sobre Zaire e Loango, respectivamente, o 3º sobre a função do feitiço e o 4º sobre a língua. Nele encontramos descrições sobre a geografia, a fauna, a flora, os costumes locais, religiosidade, rituais “mágicos” e problemas logísticos, inclusive das negociações que outros europeus precisavam fazer com os portugueses e com os habitantes de ‘Loango’ para adentrar no continente. Bastian utiliza o método comparativo para a construção de argumentos, citando a todo momento diversos lugares e povos do mundo. Inicialmente o manuscrito foi concebido em duas partes, como o próprio autor explica no Prefácio, depois foi publicado em Jena pela Editora de Hermann Coftenoble. Como não tivemos acesso ao manuscrito, ao trabalhar com publicações enquanto fontes históricas, precisamos levar em conta as interferências no texto, que resultaram neste livro<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Considerando as questões do mercado editorial trazidas pela historiografia sobre a imprensa, verificar: CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Ed. UNESP, 2014; BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996; PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009; DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo:

Entre 1871 e 1873, Bastian foi presidente da Sociedade de Geografia de Berlim. Em Londres e em Paris já existiam Sociedades de Etnologia, mas somente em 1868 ocorreu um debate, dentro da própria sociedade de geografia, sobre a necessidade da fundação de uma sociedade de etnologia. No ano seguinte, 1869, por uma demanda de arqueólogos que necessitavam do debate, cria-se a *Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* (BGAEU), com Virchow como presidente e Bastian e Braun como vices.

As sociedades vêm com o importante papel de organizar e sistematizar as expedições que seriam feitas. Nas correspondências da BGAEU<sup>30</sup>, encontramos um anúncio denominado “O sétimo convite”, em que são elencadas as próximas atividades a serem realizadas pela Sociedade. Entre as atividades, encontramos uma tabela com os resultados dos pedidos de recursos financeiros, que Bastian coordenou<sup>31</sup> para “Contribuição para o custo da Expedição à África Ocidental”. Estão expostos os valores depositados a partir de 15 de junho de 1873. Esta tabela é um exemplo de como estas expedições podiam ser financiadas: um verdadeiro orçamento de parceria coletiva e privada, “sem auxílio (oficial) do Estado”. Nesta fonte contamos com nomes de diversos nobres, desde o imperador e a imperatriz até acadêmicos e etnólogos, estes integrantes das sociedades científicas de geografia e antropologia que citamos. Os depósitos foram realizados através de duas moedas do reino, a de ouro, *Reichsgoldwährung* e, a de prata, *Silbermünzen* que eram duas das principais moedas circulantes na Alemanha recém-unificada. Podemos dividir esses contribuidores em quatro grupos. O primeiro é composto por Membros do Estado e nobres, como o Barão von Erleben, e Conselheiros Públicos em níveis municipais e estaduais, como Gräfer, conselheiro do Tribunal da Justiça e Mentzel, conselheiro de Guerra. Estes membros não estavam doando enquanto pessoas do corpo burocrático do Estado, mas como colaboradores individuais. O segundo grupo que identificamos é o grupo dos cientistas e intelectuais. O terceiro grupo é composto pela classe burguesa em sua definição clássica: banqueiros, comerciantes e donos de fábricas, e profissionais liberais, como médicos e advogados; exemplos desse grupo são o diretor de banco Wallich e o advogado Salomonsohn. O quarto e último grupo são instituições, a exemplo da Cooperativa Bancária da Saxônia, localizada em Dresden (*Sächsischer Bankverein in Dresden*).

Segundo Lewerentz, Bastian sabia como convencer industriais e membros das sociedades científicas, das quais era membro, a financiar expedições como forma de adquirir coleções etnográficas, constituindo até mesmo um comitê de ajuda à coleção etnográfica do Museu Real de Berlim<sup>32</sup>. Mesmo antes da criação do comitê, oficiais civis e militares do governo alemão mandavam objetos antropológicos para Berlim (Zimmerman 2001, 153). A autora também demonstra que através desse comitê e da Fundação Rudolf

---

Companhia de Bolso, 1990. Ao longo de nossa pesquisa levamos em conta a possibilidade de a fonte ter alterações ou exclusões do editor, tipógrafo, ou de outros membros da *Sociedade Africana*. Podendo assim encaminhar a pesquisa para outros caminhos e não pela História da África.

<sup>30</sup> Correspondenzblatt der Deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte – CoB, Organizados (por encomenda do conselho) por Prof. Dr. W. Koner e Prof. Dr. Hartmann, Berlim, 1877, págs. 15 a 17.

<sup>31</sup> Unter Leitung des Prof. Dr. Bastian.

<sup>32</sup> Ethnologisches Hilfskomitee für die Vermehrung der Ethnologischen Sammlungen der Königlichen Museen in Berlin.



Virchow, Bastian conseguiu arrecadar 5 mil marcos para sua viagem individual às Ilhas Salomão (Lewerentz 2007).

As sociedades científicas e companhias comerciais alemãs tiveram o direito de explorar os territórios por meio do governo, que visava dispensar a aplicação direta de recursos financeiros e estimular a colonização, a exemplo da Sociedade da África Oriental Alemã – *Deutsche Ost Afrika Gesellschaft* –, que ficou encarregada de atuar na África Oriental Alemã sob a liderança de Carl Peters. Enquanto Brepohl traz a informação de que o poder de Peters e desta sociedade possibilitou que a ‘população local’ ficasse a mercê das ações dessas sociedades, que tinham o poder decisivo em nome do Estado, bem como tinham o aval para cometer abusos e violências (Brepohl 2010); Speitkamp afirma que logo após Peters assinar um tratado de jurisdição e administração com o sultão de Zanzibar, uma série de movimentos de resistência ocorreu, denominados de Resistência Árabe – *Araberaufstand* (Speitkamp 2008).

Vale ressaltar que um dos motivos foi que tal tratado impunha taxas periódicas que visavam forçar os africanos a trabalhar (a taxação foi uma das práticas coloniais impostas). Seja pela falta de divulgação desta resistência na Alemanha oitocentista, seja pela falta de consciência e interesse dos cientistas em relação a sua ligação com o Imperialismo, o papel das sociedades e das expedições científicas foi visto, no período ressaltado, como um dever, uma missão. Mais adiante em seu texto, Bastian afirma que somente “um esclarecimento crescente” é que conseguiria dissipar a superstição medieval, não só na África, mas também “nas localidades isoladas das zonas centrais da civilização europeia”, referindo-se a parte norte e leste da Europa.

O autor atribui aos portugueses a disseminação de crenças relativas aos incidentes<sup>33</sup> entre os africanos, os quais a ciência deveria “desmascarar”. Vejamos como aparece a crítica aos portugueses na etnografia de Bastian:

O feiticismo africano deve o seu nome à língua portuguesa, uma vez que o conceito de bruxaria [...] forneceu aos primeiros descobridores as analogias para a realidade com que se depararam na costa ocidental [de África] [...]. Verificamos assim que, em todas as sociedades primitivas observadas, a causa de qualquer fatalidade é atribuída à malquerença de outrem. (Bastian *apud* Heintze 2007, 127).

De modo geral, a crítica feita às *outras* colonizações pode justificar a colonização alemã como alternativa. Ao mesmo tempo, parece que o autor se encontra desmotivado com a prática colonial alemã em vista da presença inglesa. Assim, Bastian afirma:

Entre os argumentos curiosos sobre a questão colonial, não estamos nunca seguros por receber qualquer tipo de pergunta cruzada e assim somos melhores preparados para a resposta que, apesar da igualdade teórica de direitos, a Inglaterra recebe a ‘parte do leão’ [a maior parte, o maior ganho] no comércio de suas colônias e, assim, seguindo seu exemplo, colônias independentes devem ser criadas. (Bastian 1882, 6).

Percebemos, analisando as fontes, que surge um sentimento de competitividade entre alemães e ingleses. O comércio nas colônias é visto como a fonte de riqueza da Inglaterra. E os alemães precisavam alcançar a Inglaterra,

<sup>33</sup> No texto original, Bastian utiliza “Unglücksfälle”. Glück é a sorte, e o prefixo “un” nega essa sorte enquanto “fall” pode ser literalmente traduzido como caso. Logo “incidente” seria uma tradução mais inteligível para o português.

pois o Estado, segundo a construção moderna, deveria ser soberano, soberania esta que dependia, no século XIX, da obtenção de colônias. Esta competitividade entre as duas potências gerou imitações por parte dos alemães, como no caso de Dernberg, citado no primeiro capítulo. Mas também conflitos, interações e cooperações. A historiadora Raquel Gomes indica que houve uma oposição entre governo britânico e alemão. Na biografia de Paul Kruger, *Cecil Rhodes e Lobengula*, escrito por Stuart Cloete, e analisada por Gomes, encontra-se tal oposição: após a consolidação da primeira colônia alemã, dizia-se que a “águia alemã estava esticando suas asas” (Gomes 2010).

Não somente em relação à Inglaterra, mas também em relação à França, tal disputa encontra-se presente. Em Bastian, a potencialidade da Alemanha como quadro imperialista é apresentada:

Também a Alemanha é, de modo mais geral, boa o suficiente para competir, por exemplo, na colônia francesa de Saigón? Nos últimos anos é, o número de navios alemães ultrapassou (com exceção dos barcos de Postdam, nos quais o subsídio estatal incluiu antecipadamente) muitas vezes o da França, embora este último, como sempre a Metrópole de suas colônias, tenha pequenas vantagens privadas do Comércio Internacional), e é fácil de tratar em proporção às despesas de custos administrativos (já no diretamente de funcionários de fornecimento de fonte habituais), assim como a Inglaterra faz com o retorno anual dos Nabob-Sahibs, sua propriedade comum apenas uma fração seria proporcional à totalidade da despesa (Bastian 1882, 9).<sup>34</sup>

J. J. Sturz faz questionamentos sobre o imperialismo alemão: “Qual país seria mais assegurado através de sua situação econômica do que a Alemanha para garantir a participação no comércio e mudar a parte do mundo não desenvolvida?”<sup>35</sup> Nessas argumentações encontramos proximidade com o argumento de Kipling, que fala sobre o “fardo do homem branco”<sup>36</sup>, e o papel que a Alemanha forjava ter ‘em auxiliar no desenvolvimento’ daquelas regiões. Conrad (2013, 17) afirma que muitos dos projetos coloniais se inspiraram em Alexander von Humboldt, onde a suposta ‘conquista’ da América Latina pelos alemães viria de uma tradição pacífica comparada com as conquistas ‘violentas’ iniciadas por Colombo. A perspectiva trazida por Adolf Bastian em seu artigo de 1882 é semelhante à de Humboldt, baseada na crítica ao projeto colonial e administrativo de Portugal e Espanha. Para ele, tais países possuíam uma “instabilidade interna” que influenciava nas práticas coloniais e que seria

---

<sup>34</sup> Original: „Auch besteht Deutschland die Concurrenz im Allgemeinen gut genug, und in der französischen Colonie Saigón z.B. übertraf in den letzten Jahren oft (abgesehen von den Postdampfbooten, bei denen indess die Staats-Subvention von vornherein einzurechnen) die Zahl deutscher Schiffe die Frankreich’s, obwohl letzteres, wie stets das Mutterland aus seinen Colonien, kleine Privat-vorteile (unter den allgemein verteilten Mitbewerbungen des Welthandels) für sich zieht (schon in den direct aus gewohnter Quelle sich versorgenden Beamten), und ist derartiges im Verhältniss zu den Ausgaben der Verwaltungskosten leicht zu gönnen, wie England auch die Geldeinfuhr mit den jährlich zurückkehrenden Nabob-Sahibs, deren Gesamtvermögen indess immer nur ein Bruchtheil bilden würde im Verhältniss zu dem Ganzen der Ausgaben“.

<sup>35</sup> „Welches land wäre wohl durch seine volkswirtschaftliche Lage mehr darauf angewiesen als gerade Deutschland sich die Teilnahme an dem Handel und Wandel mit einem noch unerschlossenen Weltteil zu sichern?“ (Wehler 1984, 142).

<sup>36</sup> “The White Man’s Burden” é um poema escrito pelo inglês Rudyard Kipling e publicado originalmente na revista popular McClure’s em 1898 (Damasceno 2015).

destruidora. Segundo o etnólogo, tais países teriam “matado os americanos”<sup>37</sup>. Bastian era declaradamente influenciado por Alexander von Humboldt, inclusive dedicou a ele sua obra, *Der Mensch in der Geschichte* – O Ser Humano na História.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crença de que Bastian nutria naquele momento, da colonização alemã como melhor que as “outras” ainda está presente no imaginário alemão. Ressaltamos como a história é utilizada na elaboração destes argumentos, enquanto forma de legitimar a colonização: vista como um meio de aprender, através da observação de outras colônias, em outros períodos; era usada para responder a como deveria ser a própria colonização, ou seja, dentro da perspectiva transnacional podemos analisar como os projetos coloniais alemães usavam a história para criar políticas de outras potências ou para negar tais práticas – como a negação ao trabalho escravo. Entretanto, uma negação que só se dá retoricamente, uma vez que o trabalho forçado nos campos ocorreu.

Uma semelhança entre o projeto de Carl Peters e de Bastian é que ambos também utilizam argumentos históricos para legitimarem seus pontos de vista, fazendo comparações sistemáticas com a Inglaterra. Apesar disso, é nítido que Bastian e Peters têm projetos totalmente opostos no sentido social. Ou seja, a posição de importância em que ambos os autores colocam as populações colonizadas em seus textos e em sua prática são distintas.

Podemos afirmar que este suposto “aprendizado histórico” foi utilizado, recorrentemente, como um instrumento pelos defensores da colonização e, posteriormente, também por seus praticantes, como vimos no caso supracitado de Dernburg. O que nos leva a afirmar que os administradores coloniais e alemães que ajudaram a estabelecer as colônias foram equipados com imagens derivadas de escritores, artistas, políticos e cientistas que vieram antes deles.

A relação de Bastian com o imperialismo não está apenas em sua obra, mas no fato de que as expedições científicas na África e a coleta de materiais etnográficos compõem um estágio importante da colonização imperialista. Além disso, a escolha de quais objetos deveriam ser levados para a Europa reflete conceitos morais, estéticos, comerciais, e inclusive metafísicos desses expedicionários europeus, que julgam o que é digno de ser levado e o que não tem valor e deve ser deixado. Ao criar e participar enquanto membro e diretor da BGAEU, Bastian e outros intelectuais não apenas mostram os objetos que trouxeram de suas viagens, mas também descrevem e explicam suas ‘funções’, em um lugar de poder que os permite, além disso, compará-los a outras culturas. Um dos conceitos etnológicos criados por Bastian, *Elementargedanken*, colocava as sociedades estudadas, especificamente africanas e asiáticas, como possuidoras de uma primeira mentalidade cultural da humanidade, essencial, que seria fruto de um fenômeno universal e a-cronológico. Segundo o etnólogo, através dessa percepção, todas as línguas nativas, mitologias e símbolos religiosos poderiam ser interpretados. Ou seja, Bastian via nas sociedades um sistema culturalmente estruturante que poderia ser desvendado por meio da pesquisa científica.

---

<sup>37</sup> Selbst ohne Colonien haben die Deutschen „nur ein Besitzthum in partibus, das Feld des Geistes, darauf angewiesen, die neue Welt für geistige Interessen auszubeuten und zu erweitern“ (s. Von Martius), und so gehörte „vor das Forum der deutschen Naturforscher“ die Ethnologie, und umso dringender zwar, weil „buchstäblich zu sagen: „die europäische Civilisation tödte den Amerikaner“ (und die übrigen Naturstämme nicht minder)“ (Bastian 1882, 21).

A riqueza das fontes bastianas é que ela nos traz questões que estavam na mentalidade dos alemães no período anterior a formalização do imperialismo alemão. Vários projetos estavam em curso nesse período, como os que expusemos. Quando se analisa a carreira de Bastian, seu posicionamento e atuação enquanto republicano e liberal, percebe-se que teoricamente o autor foi contrário ao sistema monárquico. Ao analisar o artigo *Duas palavras sobre a sabedoria colonial para quem a mesma fracassou* de Bastian, percebemos os flertes do autor com a possibilidade de um progresso “mundial” através das sociedades científicas que estudam a África. Sob um aspecto aparentemente mais “humanitário”, Bastian também nos apresentou o pensamento colonial de sua realidade histórica; inserido em um sistema político e econômico do século XIX. Interessante observar que os antropólogos que analisaram a obra bastiana, não o relacionam com o colonialismo. Talvez as suas contradições sejam fruto também de sua realidade histórica, que não o permitiu que se reconhecesse enquanto um agente colonial, ou talvez tenha sido apenas uma negação do autor ao perceber a relação entre o que criticava nos *outros* – portugueses, ingleses e espanhóis – e a colonização alemã. O que ele tinha clareza era que: “A Guerra aparecerá sob uma luz mais suave aos olhos da civilização se a base de um monumento científico duradouro puder ser colocada durante os horrores da guerra e apesar de sua destruição” (Zimmerman 2001, 170).

Estas instituições das quais Bastian fazia parte, denominadas por Thomaz (2002) como “templos do Império”, foram cenários de debates e disputas entre cientistas e políticos no século XIX, com o objetivo de ‘educar’ e ‘informar’ o público europeu sobre o ‘mundo’ – a diversidade cultural fica organizada e hierarquizada segundo padrões e normas criadas pelos próprios europeus. Segundo sugere Anne McClintock (2010), os europeus não viam apenas os colonizados como advindos de outro lugar, mas também de outro período histórico – do passado da civilização europeia –, e as mulheres e a classe trabalhadora também estariam nesse parâmetro. Sendo assim, a compreensão desses locais e seres como pertencentes a um suposto passado, legitima o próprio processo de exploração em direção ininterrupta ao futuro ‘civilizatório’. O método científico de investigação do passado serviu tanto para legitimar a dominação colonialista quanto para propagar a ideia de liberdade nacional.

Partindo da mesma lógica de pensamento e da compreensão de que o Imperialismo é uma construção sócio-histórica pudemos observar quais as reverberações, permanências e continuidades do Imperialismo atualmente e, por conseguinte, alterar a posição que temos nesse processo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALNAES, Kirsten. *Living with the past: the songs of the Herero in Botswana*. Africa, Journal of the International African Institute 59 (3): pp. 267-299, 1989.
- BÂ, A. H. *A tradição viva*. IN: Ki-Zerbo, J. (coord.) História Geral da África. I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: UNESCO; Ática, 1980.
- BALDUS, Herbert. *Adolf Bastian*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 14, p. 125-130, dec. 1966. ISSN 1678-9857.
- BASTIAN, Adolf. *Zwei Worte über Colonial-Weisheit von Jemandem, dem dieselbe versagt ist*. Berlin: Ferd. Dümmlers Verlagsbuchhandlung, 1882.
- BASTIAN, Philipp Wilhelm Adolf. *Zur alten Ethnologie*, Zeitschrift für Ethnologie, 1. Bd., pp. 204-207, 1869.
- BASTIAN, Philipp Wilhelm Adolf. *Allgemeine Begriffe der Ethnologie*. IN NEUMAYER, G. (org.). *Anleitung zu Wissenschaftlichen Beobachtungen auf Reisen. Mit besonderer Rücksicht auf die Bedürfnisse der Kaiserlichen Marine*. Berlin: Verlag von Robert Oppenheim, 1875.
- BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2008.
- BOAHEN, A. Adu. *História Geral da África VII A África sob dominação colonial: 1880-1935*. SP: Ática; Paris: UNESCO, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BREPOHL, Marion D. M. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880 - 1914*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- BUNZL, Matti. *Franz Boas and the Humboldtian Tradition*. IN STOCKING, Georg W. Jr. *Volkgeist as Method and Ethic - Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition*. Madison: University of Wisconsin Press, 1996.
- DAMASCENO, Yuri Wicher. *Conversões e negociações: um estudo dos relatos de missionários protestantes da Church Missionary Society em Uganda-África (1876-1890)*. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Assis, 2015
- ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ERIKSEN, Thomas H.; NIELSEN, Finn S. *História da Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FEEST, CHRISTIAN F. *Future of Ethnological Museums* IN FISCHER, Manuela. KAMEL, Susan. (orgs). *Adolf Bastian and the Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim: Olms, 2007p. 259-266.
- FISCHER, Manuela. *Adolf Bastian's Travels in the Americas (1875 - 1876)*. IN: FISCHER, Manuela e KAMEL, Susan (org.) *Adolf Bastian and the Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim: Olms, 2007.
- FÖRSTER, LARISSA; EDENHEISER, IRIS; FRÜNDT, SARAH; HARTMANN, HEIKE. *Provenienzforschung zu ethnografischen Sammlungen der Kolonialzeit - Positionen in der aktuellen Debatte*. München: Elektronische Publikation zur Tagung Museum Fünf Kontinente, 2017.
- GINGRICH, Andre. *The German-Speaking Countries. Ruptures, Schools and Nontraditions: Reassessing the History of Sociocultural Anthropology in Germany*. IN *One Discipline, Four*

- Ways: British, German, French and American Anthropology. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.
- GOMES, Raquel Gryzcczenko Alves. Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sulafriicana, 1880-1902. Campinas, 2010.
- HEINTZE, Beatrix. *Exploradores Alemães em Angola (1611-1954) – Apropriações etnográficas entre comércio de escravos, colonialismo e ciência*. Frankfurt am Main: Otto Lembeck, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Tradução: Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Perrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- KÖNIG, Viola. *Adolf Bastian and the Sequel Five Companions and Successors as Collectors for Berlin's Royal Museum of Ethnology* IN FISCHER, Manuela. KAMEL, Susan. (orgs). *Adolf Bastian and the Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim, 2007: Olms.
- KÖPPING, Klaus-Peter. *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind - The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. Münster: Lit Verlag, 2005.
- KÖPPING, Klaus-Peter. *Enlightenment and Romanticism in the work of Adolf Bastian: the historical roots of anthropology in the nineteenth century*. London: Routledge , 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1999.
- LEWERENTZ, Anne. *Adolf Bastian and Rudolf Virchow in the Berlin Society of Anthropology, Ethnology and Pré-History*. IN: FISCHER, Manuela e KAMEL, Susan (org.) *Adolf Bastian and the Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim: Olms, 2007.
- MASSIN, Benoit. *From Virchow to Fischer: Physical Anthropology and "Modern Race Theories" in Wilhelmine Germany*. IN: STOCKING, George W. *Volksgeist as Method and Ethic: Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1996.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial - Raça, Gênero e sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- OKUPA, Effa. *Carrying the Sun on Our Backs: unfolding German colonialism in Namibia from Caprivi to Kasikili*. Berlin: LIT, 2006.
- PENNY, H. Glenn. *Objects of culture: Ethnology And Ethnographic Museums in Imperial Germany*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002.
- PENNY, H. Glenn. *Bastian's Museum: On the Limits of Empiricism and the Transformation of German Ethnology*. IN PENNY, H. Glenn e BUNZL, Matti (orgs). *Worldly Provincialism: German Anthropology in the Age of Empire*. Michigan: University of Michigan Press, 2003.
- PETSCHLIES, Erik. *Karl von den Steinen's Ethnography in the context of the Brazilian Empire*. *Revista Sociologia&Antropologia*, v. 08.02. May – Aug. Rio de Janeiro: [s.n.], 2018.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- SAN MARTÍN, Laura Iglesias. *Adolf Bastian: Ethnologist, Adventurer or Tourist?* IN FISCHER, Manuela. KAMEL, Susan. (orgs). *Adolf Bastian and the Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim, 2007: Olms.
- SPEITKAMP, Winfried. *Deutsche Kolonialgeschichte*. Stuttgart: Reclam, 2008.

- STÖBER, Rudolf. *Deutsche Pressegeschichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart*. Konstanz: UVK, Verlagsgesellschaft mbH, 2005.
- STOCKING, Georg W. *Volksgeist as Method and Ethic: Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition*. University of Wisconsin Press, 1996.
- THOMPSON, Analucia. *Objetos indígenas: do artificial ao imaterial*. Antíteses. v. 7, n. 14, p. 258-281, jul. - dez. 2014.
- THOMAZ, Omar R. *Ecos do Atlântico Sul: Representações sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fapesp, 2002
- TYLOR, Edward B. *Anthropology – An Introduction to the Study of Man and Civilization*. London: Ed. Macmillan and Co. 1881.
- WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África. 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Revan, 1998.
- ZANTOP, Susanne. *Colonial Fantasies: Conquest, Family, and Nation in Precolonial Germany, 1770–1870*. Durham: Duke University Press, 1997.
- ZIMMERMAN, Andrew. *Anthropology and Antihumanism in Imperial Germany*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

*Adolf Bastian – Antropologia e Colonização*  
Artigo recebido em 03/12/21 • Aceito em 07/04/22  
DOI | [doi.org/10.5216/rth.v25i1.71069](https://doi.org/10.5216/rth.v25i1.71069)  
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado